



Revista Brasileira de História da Educação  
ISSN: 2238-0094  
Sociedade Brasileira de História da Educação

Menezes, Roni Cleber Dias de  
A temática da 'educação pública' na escrita da história da educação de Lorenzo Luzuriaga  
Revista Brasileira de História da Educação, vol. 21, e150, 2021  
Sociedade Brasileira de História da Educação

DOI: 10.4025/rbhe.v21.2021.e150

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=576166162010>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais informações do artigo
- Site da revista em [redalyc.org](http://redalyc.org)

redalyc.org  
UAEM

Sistema de Informação Científica Redalyc

Rede de Revistas Científicas da América Latina e do Caribe, Espanha e Portugal

Sem fins lucrativos acadêmica projeto, desenvolvido no âmbito da iniciativa  
acesso aberto

# A TEMÁTICA DA ‘EDUCAÇÃO PÚBLICA’ NA ESCRITA DA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DE LORENZO LUZURIAGA

THE THEME OF ‘PUBLIC EDUCATION’ IN THE WRITING OF THE HISTORY OF EDUCATION BY LORENZO LUZURIAGA

EL TEMA DE LA ‘EDUCACIÓN PÚBLICA’ EN LA ESCRITURA DE LA HISTORIA DE LA EDUCACIÓN POR LORENZO LUZURIAGA

Roni Cleber Dias de Menezes

Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil. E-mail: roni@usp.br

**Resumo:** O artigo trata do comparecimento da temática ‘educação pública’ na obra pedagógica do educador espanhol Lorenzo Luzuriaga, buscando uma compreensão acerca dos traços de sua escrita da história da educação que são dados a ver nos seus títulos que integram a Biblioteca del Maestro, coleção organizada por ele mesmo na Editorial Losada de Buenos Aires. Tais traços são pensados fundamentalmente a partir da análise do livro *Historia de la educación pública*, publicado em 1946, e também por intermédio da perscrutação da trajetória intelectual de Luzuriaga. Os procedimentos adotados intentam fornecer possíveis respostas às representações assumidas por uma noção cara ao seu profissionalismo escolanovismo, o da prerrogativa estatal na organização da educação, tomando-se por ângulo de observação uma das obras representativas do seu modo de escrita da história da educação. Os resultados da investigação apontam para o enquadramento da temática na perspectiva do internacionalismo que ganhava força com o final da Segunda Guerra Mundial e a criação de instituições de alcance global, como a Organização das Nações Unidas.

**Palavras-chave:** manuais escolares, escrita da história da educação, história dos intelectuais da educação.

**Abstract:** The article deals with the participation of the theme ‘public education’ in the pedagogical work of the Spanish educator Lorenzo Luzuriaga, seeking an understanding of the traces of his writing on the history of education that are given to see in his titles that are part of the Biblioteca del Maestro, organized collection by himself at Editorial Losada de Buenos Aires. Such traits are thought fundamentally from the analysis of the book *Historia de la educación pública*, published in 1946, and also through the investigation of Luzuriaga's intellectual trajectory. The adopted procedures try to provide possible answers to the representations assumed by a notion dear to his professed adhesion to New Education, that of the state prerrogative in the organization of education, taking as an observation angle one of the representative works of his way of writing the history of education. The results of the investigation point to the framing of the theme from the perspective of internationalism that was gaining strength with the end of the Second World War and the creation of global institutions, such as the United Nations.

**Keywords:** textbooks, history of education writing, history of educational intellectuals.

**Resumen:** El artículo aborda la participación del tema ‘educación pública’ en el trabajo pedagógico del educador español Lorenzo Luzuriaga, buscando una comprensión de los rasgos de sus escritos sobre la historia de la educación que se dan a conocer en sus títulos que forman parte de la Biblioteca del Maestro, colección organizada por él mismo en Editorial Losada de Buenos Aires. Tales rasgos se consideran fundamentalmente a partir del análisis del libro *Historia de la educación pública*, publicado en 1946, y también a través de la investigación de la trayectoria intelectual de Luzuriaga. Los procedimientos adoptados intentan proporcionar posibles respuestas a las representaciones asumidas por una noción querida por su profesión adhesión a la Escuela Nueva, la prerrogativa del estado en la organización de la educación, tomando como ángulo de observación uno de los trabajos representativos de su forma de escribir la historia de la educación. Los resultados de la investigación apuntan a enmarcar el tema desde la perspectiva del internacionalismo que estaba ganando fuerza con el final de la Segunda Guerra Mundial y la creación de instituciones globales, como las Naciones Unidas.

**Palabras clave:** manuales escolares, escritura de la historia de la educación, historia de los intelectuales educativos.

## INTRODUÇÃO

Lorenzo Luzuriaga<sup>1</sup>, internacionalmente reconhecido como um dos importantes educadores e pensadores educacionais do mundo hispânico no século XX, vem sendo estudado no Brasil, no campo da história da educação<sup>2</sup>, especialmente em função do modelo de escrita de que marcou alguns dos títulos publicados quando de sua fase argentina, entre os anos de 1940 a 1960<sup>3</sup>, parte deles traduzidos para a língua portuguesa e que intensa circulação alcançaram em nosso meio acadêmico, notadamente nos cursos de pedagogia e de formação de professores (Gatti Júnior, 2011). Neste artigo, propõe-se a analisar um desses títulos, *Historia de la educación pública*, vindo a estampa pela Editorial Losada<sup>4</sup>, de Buenos Aires, em 1946, em volume integrante da 'Biblioteca del Maestro', coleção organizada pelo mesmo Luzuriaga na editora criada pelo compatriota Gonzalo Losada<sup>5</sup>.

<sup>1</sup> Narciso Eladio Lorenzo Luzuriaga y Medina nasceu em 29/10/1889 em Valdepeñas, província de Ciudad Real, comunidade autônoma de Castilla-La Mancha, Espanha. Morreu em 24 de dezembro de 1959 em Buenos Aires, Argentina.

<sup>2</sup> Entre os estudos na área da história da educação no Brasil interessados nesse recorte da produção bibliográfica de Luzuriaga se pode arrolar: Warde (1998); Gatti Júnior (2011); Roballo (2012); Menezes (2014) e Dallabrida (2015).

<sup>3</sup> Uma lista sucinta desses títulos abrange: *La pedagogía contemporánea* (Luzuriaga, 1942), *Historia de la educación pública* (Luzuriaga, 1946), *Pedagogía* (Luzuriaga, 1950a), *Historia de la educación y de la pedagogía* (Luzuriaga, 1951) e *Pedagogía social y política* (Luzuriaga, 1954).

<sup>4</sup> Ainda em atividade, a Losada Editorial foi fundada em Buenos Aires em agosto de 1938 por Gonzalo José Bernardo Juan Losada Benítez, chamado correntemente de Gonzalo Losada, espanhol radicado na Argentina desde a década anterior. A casa editora tem seu nascimento ligado ao acirramento das consequências da Guerra Civil espanhola, já que decorreu de um intenso esforço de Gonzalo Losada em prosseguir com sua atividade editorial na capital portenha depois das dissensões com a Editorial Espasa Calpe, de Madri. Gonzalo Losada chega à Argentina em 1928, para dirigir a sucursal da editora no país platino. Às vésperas da eclosão do conflito em Espanha o aporte material de publicações e de recursos vindos de Madri se interrompe, levando Losada a transformar a sucursal que dirigia numa sociedade anônima: Espasa Calpe Argentina S.A. Dois anos depois, quando se tornam públicas as simpatias da Editorial Espasa Calpe pelo franquismo e a mesma passa a exigir que suas sucursais espalhadas no continente americano editassem seus livros obrigatoriamente na Espanha, Gonzalo Losada, em conjunto com vários outros escritores, publicistas e homens de letras espanhóis, como Guillermo de Torre, Amado Alonso García, Luiz Jiménez de Asúa, Francisco Romero, mas também um dominicano – Pedro Henríquez Ureña, e um italiano – Attilio Rossi, funda a Editorial Losada. Tão logo é constituída, a Losada Editorial se converteu numa 'editora de exilados', tornando-se o centro de convivência dos exilados republicanos e de intelectuais espanhóis e argentinos antifranquistas. Para mais informações, consultar Larraz (2009).

<sup>5</sup> Gonzalo Losada nasceu em Madri em 1894. Ainda que seu nome tenha se vinculado ao exílio, não foi um exilado. Em 1974, em depoimento ao jornal *La Nación*, Losada recuperou parte da trajetória que o levou até à fundação da Losada Editorial: "Instalei-me neste país em 1928 e me tornei cidadão em 1940: meus padrinhos foram Ricardo Rojas y Arturo Capdevilla [...] Depois de fracassar como empregado de uma companhia telegráfica, outra de seguros e ainda um banco, meu contato com Nicolás María Ugoiti, fundador de diários editoras, decidiu meu futuro destino de editor. Descobri América como representante de uma editora espanhola – Espasa Calpe – a qual pretendia que meu labor se resumisse a um simples trabalho de distribuição. Minha vocação, todavia, pode mais decidir editar a coleção de bolso *Austral* [...]” “Na Buenos Aires de então, fizemos a primeira experiência editorial séria, eminentemente argentina e, por extensão, americanista... São muitos os que, durante trinta e seis anos me acompanharam na cruzada intelectual” (Depoimento de Gonzalo Losada ao jornal *La Nación* [Buenos Aires], 28/07/1974 apud Dabusti de Muñoz, 1999-2000, p. 399-400, tradução nossa). “Me instalé en este país en 1928 y me hice ciudadano en 1940: mis padrinos fueron Ricardo Rojas y Arturo Capdevilla [...] Después de fracasar como empleado en una compañía de telégrafos, una de seguros y un banco, mi contacto con Nicolás María Ugoiti, fundador de diários e editoriais, decidió mi futuro destino de editor. Descubrí América como representante de una editorial española – Espasa Calpe – que pretendía que me limitara a un simple trabajo de distribución. Mi vocación pudo más y decidí editar la colección de bolsillo *Austral* [...]” “En el Buenos Aires de entonces, hicimos la primera experiencia editorial seria, eminentemente argentina y, por extensión, americanista... Son muchos los que, durante treinta y seis años me acompañaron en la cruzada intelectual [...]”.

Conforme assinala Luzuriaga no livro em tela, a educação pública antes que uma ideia geral ou configuração unívoca da transmissão de saberes e formação humana no correr dos tempos, assumiu feições próprias ao ‘espírito’ de cada período histórico, inclusive, com respostas relativamente idiossincráticas de cada povo ou ‘cultura nacional’ em decorrência da maneira como se apropriaram dos modelos pedagógicos e educacionais. Na reflexão que se propõe nas páginas que seguem tentar-se-á encetar uma análise internalista da obra, atentando para as possíveis vinculações do seu teor com a trama política e intelectual concernente ao período inicial do exílio do autor (1936) até sua morte (1959). Ganha relevo, igualmente, a dimensão assumida na obra pela escala nacional de observação, num contexto em que, com o recente término da Segunda Guerra Mundial, os nacionalismos cediam o passo a visões mais universalistas de cultura.

## A DIMENSÃO DA EDUCAÇÃO PÚBLICA NA PEDAGOGIA E NAS AÇÕES DO INTELECTUAL LUZURIAGA



Figura 1- Lorenzo Luzuriaga y Medina (1889-1959).

Fonte: Paz Rodrigues (2018).

Luzuriaga integrou uma geração inteira de espanhóis que se viu obrigada a deixar o país com a guerra civil, a *España peregrina*, como passou a ficar conhecida a plêiade de exilados contrários e/ou perseguidos pelo regime de Franco. O conflito interrompe bruscamente a atividade política e o labor intelectual do pedagogo manchego<sup>6</sup>, trazendo implicações diretas para sua obra. O caráter, em grande medida experimental e pragmático, da ação, escrita e da produção de Luzuriaga, que marcaram sua trajetória na Espanha desde que assoma ao proscênio pedagógico com sua atuação na Institución Libre de Enseñanza

<sup>6</sup> Gentílico relativo à região da La Mancha, na meseta sul espanhola, pertencente à comunidade autônoma de Castilla-La Mancha.

(ILE)<sup>7</sup>, na ‘Escuela Superior del Magisterio’<sup>8</sup>, no ‘Museo Pedagógico Nacional’<sup>9</sup> e com a criação da *Revista de Pedagogía*<sup>10</sup>, teriam cedido o passo, conforme Barreiro Rodríguez (1989), a uma inflexão em torno a problemas mais acentuadamente de matiz teórico – em demasia na avaliação deste último – o que, ainda que se possam reconhecer elementos de continuidade nos cometimentos a que se entrega em solo argentino, demarcariam duas etapas distintas no seu itinerário<sup>11</sup> (Barreiro Rodríguez, 1989).

<sup>7</sup> A ILE foi criada em Madri, em 1876, e esteve associada ao movimento de renovação cultural, pedagógica e intelectual da Espanha. De certo modo ela representou aos olhos de alguns historiadores espanhóis um dos liames e ponto de inflexão no país dos valores da Europa moderna. Quanto à ILE “Luzuriaga experimentou um duplo pertencimento, como aluno e professor, identificação que deixou marcas duradouras no seu itinerário no campo da educação e da pedagogia” (Menezes, 2014, p. 253).

<sup>8</sup> A ‘Escuela Superior del Magisterio’ foi um centro institucional público e estatal [espanhol](#) criado em [Madri](#) para a formação dos [professores](#) e professoras das [escolas normais](#) do país, a qual durou de [1909](#) a [1932](#). Seguiu alguns dos princípios pedagógicos da ILE, objetivando, em conformidade com tal vinculação, transformar-se no núcleo formador do professor progressista, desejado e propenso a representar uma das faces pedagógicas visíveis da [Segunda República Espanhola](#) (Ferrer Maura, 1975).

<sup>9</sup> O museu foi criado por Decreto Real de 6 de maio de 1882, sob a inspiração e obra dos idealizadores da ILE. Desde então “[...] se tornou um centro importante de investigação educativa, de formação, assistência técnica, com uma significativa projeção social na Espanha de finais do século XIX e primeiras décadas do seguinte. Além de concentrar uma importante biblioteca, detentora de uma gama numerosa de títulos nacionais e internacionais, o museu contava também com um laboratório de antropologia pedagógica, oferecia cursos de pedagogia geral, de ciências experimentais, organizava ciclos de conferências pedagógicas, publicava monografias e estudos na área e possuía ainda um veículo editorial, o *Boletín Pedagógico*, o qual se enviava gratuitamente a todos os professores públicos, chegando a ter uma tiragem de 30.000 exemplares. Todas essas iniciativas fizeram da instituição um estabelecimento de referência no movimento de modernização do magistério” (Menezes, 2014, p. 253-254).

<sup>10</sup> A *Revista de Pedagogía* foi criada pelo próprio Luzuriaga e sua esposa, María Luisa Navarro, tendo sido o pedagogo espanhol seu diretor de 1922 até julho de 1936. A revista logrou exercer um iniludível impacto na vanguarda educativa espanhola dos anos 20, tendo sido, em boa medida, a porta-voz na Espanha do movimento renovador da educação, difundindo na Península Ibérica o que havia de mais atualizado da pedagogia internacional nas primeiras décadas do século XX, desde Jean-Ovide Decroly, passando por Adolphe Ferrière, até o próprio Luzuriaga (Barreiro Rodríguez, 1999). A *Revista de Pedagogía* representou um esforço a fim de atingir os professores primários das províncias, proporcionando a autorrepresentação de uma revista aberta a Europa, capaz de oferecer a seus leitores os temas candentes em relevo no exterior. Talvez a maior contribuição da *Revista de Pedagogía* tenha sido compreender – e apresentar aos seus leitores – a dimensão nacional articulada à internacional, interessando-se pelas novidades, porém com um programa próprio bem definido, cujo objetivo era influir e modificar a realidade espanhola (Mérida & Gamarro, 1992). A revista é retomada por Luzuriaga anos depois, em 1939, logo após a chegada a Tucumán, sendo reeditada pela Editorial Losada. Tem-se notícia da publicação de seis números novos e a reedição do catálogo pré-Guerra Civil (Seijas, 2001).

<sup>11</sup> Lorenzo Luzuriaga foi aluno da Escola Normal Central de Madrid de 1904 a 1908, recebendo grau de professor de escola normal. Depois, ingressou na ILE, da qual foi aluno e professor entre os anos de 1908 a 1912, ano em que se torna inspetor do ensino primário. Completou seus estudos na Escola Superior de Magistério, seção de Letras, também no ano de 1912. Em 1913, a Câmara de Estudos e Investigação Científica concedeu a Luzuriaga uma bolsa de estudos para estudar na Alemanha, na Universidade de Jena, onde permaneceu por dois anos. De 1915 a 1933, trabalhou no Museu Pedagógico como Diretor de Serviços e Publicações sob a direção de seu antigo professor Manuel Bartolomé Cossío (professor de História da Arte da Universidade de Barcelona e catedrático de Pedagogia). Após atuação na esfera pública, Luzuriaga retoma suas atividades como professor ministrando a disciplina de ‘Organização Escolar’ na recém criada Seção de Pedagogia, da Universidade de Madri, de 1933 a 1936 (Barreiro Rodríguez, 1989). Pode-se afirmar que maior ascendência exerceu sobre Luzuriaga, especialmente nos anos de formação da década de 1910 e princípios de 1920, as figuras de Francisco Giner de los Ríos (fundador da ILE) e do próprio Cossío, discípulo do primeiro. A inspiração krausista que matizara o pensamento dos dois influiu de modo profícuo em Luzuriaga. Conforme Barreiro Rodríguez (1989, p. 9, tradução nossa), “[...] de Giner [Luzuriaga] herda a tolerância, o espírito crítico, o rigor científico e o amor pela obra da educação, de Cossío receberá um modelo para essa ação pedagógica concreta; modelo que por seu lado se forma durante vários anos decisivos”. “[...] de Giner [Luzuriaga] hereda la tolerancia, el espíritu crítico, el rigor científico y el amor por la obra de la educación, de Cossío recibirá un modelo para esa acción pedagógica concreta; modelo a cuyo lado se forma durante varios años decisivos”.

Luzuriaga deixa a Espanha com a eclosão da guerra civil, no outono de 1936, levando consigo sua esposa, Maria Luisa Navarro, e seus filhos, à exceção do mais velho, Jorge Luzuriaga, que permaneceu na Espanha lutando ao lado dos republicanos (Seijas, 2001). Dirige-se num primeiro momento a Londres, transferindo-se depois para Glasgow, na Escócia. Mantém-se ministrando aulas de espanhol, atua como 'lector' na Universidade de Glasgow e profere conferências em diferentes localidades da Grã-Bretanha (Menezes, 2014).

A permanência na Grã-Bretanha dura três anos. Em 1939 é convidado a trabalhar na Universidade Nacional de Tucumán, Argentina, onde efetivamente chega em março de 1939, como notícia a imprensa local.

Procedente de Buenos Aires, chegou ontem ao meio-dia a nossa cidade o professor Lorenzo Luzuriaga, contratado pela Universidade Nacional de Tucumán para ocupar a cátedra de Pedagogia do Departamento de Filosofia e Letras. O professor Lorenzo Luzuriaga, que vem diretamente da Universidade de Glasgow, Inglaterra, foi professor de pedagogia da Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Madri e diretor-fundador da Revista de Pedagogia, a qual se publicou de 1922 a 1936, considerada como uma das publicações periódicas mais importantes em nossa língua (Recorte de jornal constante do arquivo pessoal de Lorenzo Luzuriaga apud Barreiro Rodríguez, 1989, p. 39, tradução nossa)<sup>12</sup>.

Barreiro Rodríguez (1999) considera, sob determinada perspectiva, que a fase argentina da experiência intelectual e política de Luzuriaga tenha carecido do ânimo de transformação e envolvimento com a realidade que teria caracterizado sua trajetória anterior ao exílio, como assinala a fim de iluminar sua importância para a renovação pedagógica em Espanha no primeiro terço do século XX.

Por isso, Luzuriaga, que já deixava uma obra sedimentada na Espanha, terá suas dúvidas e vacilações no exílio. Dificilmente podia haver uma linha de continuidade investigadora – sobretudo no âmbito das ciências sociais, tão no coração de nossa própria vida – depois de viver acontecimentos tão duros. Uma derrota como aquela [menciona aqui o desfecho da Guerra Civil] transforma qualquer projeto pessoal de vida – como diria Ortega [o filósofo espanhol José Ortega y Gasset]. Por essa razão, a produção pedagógica de Luzuriaga no exílio continua, aparentemente, em idêntica progressão que na Espanha – ou até se acelera –, porém, será na verdade uma produção substancialmente distinta. Faltará a ela o contato com a realidade prática, tão conhecida e peculiar. Faltar-lhe-á os nutrientes naturais. Faltar-lhe-á alma. Faltar-lhe-á vida. (Barreiro Rodríguez, 1999, p. 34, tradução nossa)<sup>13</sup>.

<sup>12</sup> “Procedente de Buenos Aires, arribó ayer a mediodía a nuestra ciudad el professor Lorenzo Luzuriaga, quien viene contratado por la Universidad Nacional de Tucumán para hacerse cargo de la cátedra de Pedagogía del Departamento de Filosofía y Letras. El professor Lorenzo Luzuriaga, que viene directamente de la Universidad de Glasgow, Inglaterra, fue professor de pedagogía de la Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad de Madrid y director-fundador de la Revista de Pedagogía, que se publicó desde 1922 a 1936, considerada como una de las publicaciones periódicas más importantes en nuestra lengua”.

<sup>13</sup> “Por eso, Luzuriaga, que ya dejaba una obra cuajada en España, tendrá sus dudas y vacilaciones en el exilio. Difícilmente podía haber una línea de continuidad investigadora – sobre todo en el ámbito de las ciencias sociales, tan en el corazón de nuestra propia vida – después de haber vivido unos acontecimientos tan duros. Una derrota como aquella [menciona aqui o desfecho da Guerra Civil] transforma cualquier proyecto personal de vida – como diría Ortega [o filósofo espanhol José Ortega y Gasset]. Por esa razón, la producción pedagógica de Luzuriaga en el exilio continúa, aparentemente, en idéntica progresión que en España – o incluso se acelera –, pero será en

Ainda conforme o mesmo autor, “[...] as coordenadas pelas quais se movia o mundo da educação já seriam outras com o término da Segunda Guerra Mundial” (Barreiro Rodríguez, 1989, p. 36) e, embora os pilares do pensamento pedagógico de Luzuriaga se mantivessem no período pós-1945, o enquadre das motivações já era outro, sendo também diferentes muitas das demandas e das aspirações de desenvolvimento educacional que encontra na Argentina.

Talvez tenha sido essa nova atmosfera que contribuiu para que Luzuriaga vivesse ‘com muito entusiasmo’ seus primeiros anos na Universidade de Tucumán, em função do convívio ali experimentado, notadamente na Faculdade de Letras, onde estava lotado Lorenzo Luzuriaga logo em seu ingresso (Mendez, 2014). Aí ocupou, inicialmente, as cadeiras de pedagogia e psicologia aplicada à educação para só depois, em 1941, por concurso, assumir a cadeira de história da educação. Apesar do cenário alvissareiro, o golpe militar de 1943 restringiu a autonomia das universidades nacionais argentinas, contribuindo decisivamente para Luzuriaga deixar seu posto em Tucumán e rumar para Buenos Aires, onde retoma o trabalho como editor. De 1944 até o final da primeira década seguinte permaneceu fora da universidade, dedicando-se ao trabalho editorial, tanto na Losada quanto nos empreendimentos a que se entregou, como em *Realidad – Revista de Ideas*<sup>14</sup> e colaborações para a imprensa – tornou-se colaborador dominical do *La Nación*, publicando em sua ‘Sección Literaria’ (Barreiro Rodríguez, 1989). Adicionalmente à *Realidad* e às contribuições ao *La Nación*, colaborou com algumas revistas educativas, como *La Prensa* e *Sur* (Dabusti de Muñoz, 1999-2000).

As viagens ao exterior também fizeram parte da fase que se segue ao renúncio da cátedra na Universidade Nacional de Tucumán. Tais viagens incluem o Chile, onde participa da Escola de Verão na Universidade do Chile, em Santiago, convidado pela escritora e educadora Amanda Labarca, e a Venezuela, onde profere conferências e ensina na Universidad Central de Venezuela, em Caracas, além de efetuar algumas viagens à Europa (Seijas, 2001). Até que, no início de 1956, logo após o golpe militar que derrubou o governo de Juan Domingo Perón, “[...] assumiu por concurso as cadeiras de Didática e História da Educação na Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Buenos Aires” (Mendez, 2014, p. 241).

Conquanto a variedade das empresas a que se dedicou na América do Sul, o que mais distinguiu e absorveu Luzuriaga nas duas décadas em que viveu no Novo Mundo foi o trabalho dedicado às funções de escritor, tradutor e editor na Losada Editorial. Sua produção na editora de Gonzalo Losada foi bastante fecunda, transcendendo as fronteiras do país, pela circulação das obras nas repúblicas vizinhas. Além de integrante do Conselho Editorial e membro da direção, coube a Luzuriaga organizar toda a publicação concernente ao campo pedagógico na Losada Editorial, dando vazão não apenas aos seus próprios escritos – ao todo 12 títulos autorais –, bem como de importantes nomes da educação em língua espanhola, além de levar adiante um vigoroso trabalho de compilação (as antologias de Johann F. Herbart e Johann H. Pestalozzi) e tradução dos originais (do inglês e do alemão) de grandes

realidad una producción sustancialmente distinta. Le faltará el contacto con la realidad práctica conocida y propia. Le faltarán los nutrientes naturales. Le faltará alma. Le faltará vida”.

<sup>14</sup> *Realidad – Revista de Ideas* circulou entre janeiro de 1947 e dezembro de 1949, totalizando 18 números. Partiu de uma ideia do escritor argentino Eduardo Mallea, tendo sido impulsionada pelo filósofo argentino Francisco Romero – o qual figurará como diretor nominal do periódico – e por dois espanhóis exilados: o escritor e sociólogo Francisco Ayala e Lorenzo Luzuriaga. Os números obedeciam a uma periodicidade bimestral, sendo, no entanto, agrupados em dois tomos por ano (Ferrer & Gutiérrez, 2013).

nomes do pensamento pedagógico, a exemplo de Dewey, Kilpatrick, Nohl, Rohracher e Dilthey. Dentre as coleções das quais assumiu a direção figuraram: ‘Biblioteca Pedagógica, Biblioteca del Maestro, Escuela Activa, Cuadernos de Trabajo, La Nueva Educación e Antologías’ (Dabusti de Muñoz, 1999-2000).



Figura 2 - Logo da Editorial Losada (1894-1981).  
Fonte: Losada (2020).



Figura 3 - Gonzalo Losada Benítez.  
Fonte: Kieffer (2004).

Estritamente no que tange aos temas pedagógicos de eleição de Luzuriaga na Losada, pode-se observar que, con quanto vasta a obra, a temática da Escola Nova continuou a interessar em primeiro plano o autor, seja como objeto central ou pano de fundo que orientava o *telos* de alguns títulos. O que fica mais nítido, contudo, é a maior variedade pelo qual interpela domínios caros às ciências da educação, como as tendências contemporâneas da pedagogia e dos estudos educacionais, as reformas educativas e, no caso de suas obras relacionadas à história da educação, o aprofundamento teórico da ciência educacional de maneira a extrair as inteligibilidades que orientaram o pensamento e as ações no campo da educação e da pedagogia e o que eles indicam aos coevos quanto às possibilidades e necessidades do presente.

Sensíveis a essa operação, passa-se à investigação da presença do tema ‘educação pública’, atento ao tratamento que ela recebeu na escrita da história da educação de Luzuriaga e ainda interessado em examinar como tal presença e as tensões entre os referentes nacional e supranacional se expressaram no título *Historia de la educación pública*.

## A HISTORICIZAÇÃO DA TEMÁTICA 'EDUCAÇÃO PÚBLICA'

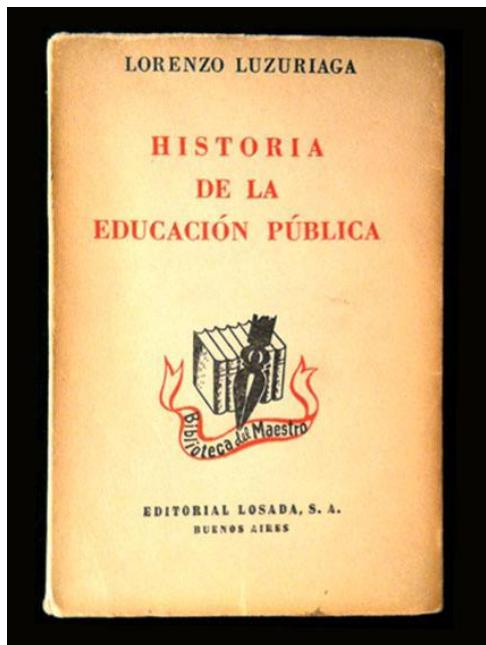


Figura 4 - Capa da 1<sup>a</sup> ed. de *Historia de la educación publica* (Vol. 17). *Biblioteca del Maestro*.  
Fonte: Luzuriaga (1946)

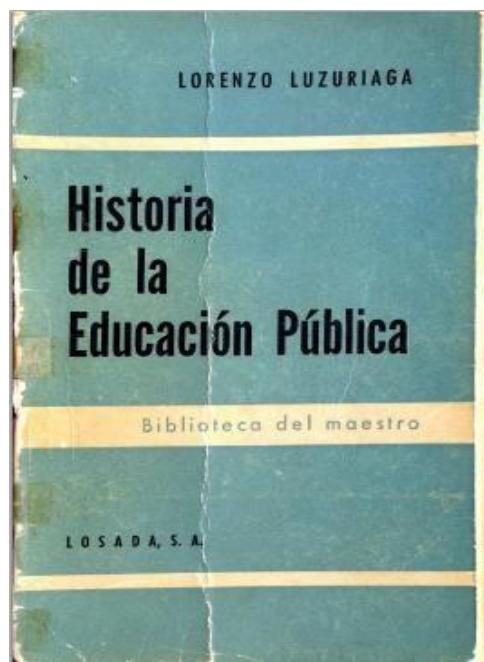


Figura 5 - Capa da 2<sup>a</sup> ed. de *Historia de la educación publica* (Vol. 17). *Biblioteca Del Maestro*.  
Fonte: Luzuriaga (1950b).

*Historia de la educación pública* foi publicada originalmente em 1946<sup>15</sup>, pela Losada Editorial, constituindo o volume 17 da 'Biblioteca del Maestro'. Foram localizadas mais três edições: em 1950, 1954 e 1964, todas pela mesma editora. Da segunda edição em diante a numeração das páginas se altera – e, consequentemente, o tamanho do livro fica menor – em

<sup>15</sup> Para a realização desse trabalho foi utilizada a 1<sup>a</sup> edição, de 1946, a qual contava com 247 páginas.

função da maior concentração dos caracteres por página. Porém, não há mudança das partes e seções e nem do conteúdo. Na tradução que recebeu para o português, realizada pela editora brasileira Companhia Editora Nacional, de São Paulo, identificou-se apenas uma edição, em 1959<sup>16</sup>.

Observa-se em *Historia de la educación pública* o mesmo padrão de desenvolvimento da narrativa, a partir de uma linearidade cronológica, padrão encontrado em outras publicações de Luzuriaga e também uma tônica dos manuais de história da educação pelo menos desde a passagem do século XIX para o XX. Outra similaridade em relação a outros títulos do autor é a ausência de ilustrações. Em decorrência da especificidade temática – a educação pública, compreendida no livro quase que integralmente pela sua realização na forma escolar – a baliza cronológica inicial principia com as iniciativas de educação pública que transcorrem durante o Renascimento europeu. Distintamente, por exemplo, de *Historia de la educación y de la pedagogía*, em que o fenômeno educacional e pedagógico é examinado desde suas manifestações naquela que ficou conhecida como a ‘Antigüedad Oriental’, englobando desde o ‘Oriente Próximo’ até a China, no volume 17 da Biblioteca del Maestro a ‘aventura histórica’ da educação pública está circunscrita ao continente europeu e a um único país das Américas, os Estados Unidos.

Valem aqui duas ressalvas: em primeiro lugar a Europa compreendida envolve também a Rússia<sup>17</sup>, mas tão somente no interior do período que Luzuriaga denomina de ‘A educação pública democrática’, ou seja, no lapso temporal entre a vitória bolchevique de 1917 e o início da Segunda Guerra Mundial, abrangendo, assim, exclusivamente a experiência comunista. Vale pontuar que, de 1922 em diante, a Rússia é uma das 14 repúblicas que compunham a URSS; em segundo, no caso do Novo Mundo, Luzuriaga não incluiu, como fez com *Historia de la educación y de la pedagogía*, o exemplo das repúblicas originárias da decomposição do império espanhol nas Américas, o que certamente suscita a dúvida de sua não inclusão na ‘aventura da educação pública’, notadamente pelo fato de em algumas dessas repúblicas, como a própria Argentina onde vivia, apresentar um desenvolvimento considerável da ‘educação pública’ naquela década de 1940.

Luzuriaga estruturou a obra em cinco partes, adicionando ao final uma breve ‘Conclusão’.

#### *Introducción*

#### *I – La educación pública religiosa*

1. El siglo XVI
2. El siglo XVII

#### *II – La educación pública estatal*

#### *III – La educación pública nacional*

1. El siglo XVIII

<sup>16</sup> A edição brasileira, com tradução e notas de Luiz Damasco Penna e João Batista Damasco Penna, veio à lume em 1959 e se refere à segunda edição em espanhol (1950). Ela integrou a ‘Série Atualidades Pedagógicas’ (volume 71) da Companhia Editora Nacional. O conteúdo do livro estava distribuído em 159 páginas, no formato 18,5 X 11,5 cm. Nele consta uma *Nota para la edición brasileña*, escrita pelo próprio Luzuriaga em agosto de 1958. Na nota o autor mantém seu espírito historicista pelo qual, baseado em Dilthey (*Historia de la pedagogía*), associa os diferentes *ideales de la educación* às compleições históricas *de la visión del mundo y de la vida de cada época*. Termina por ratificar o lugar proeminente a ser ocupado pela história da educação nos estudos do campo conhecido como ciências da educação.

<sup>17</sup> Importante recordar que cerca de apenas ¼ do território russo se encontra no continente europeu, fator contrabalançado, todavia – e isso vale tanto para a primeira metade do século XX quanto para os dias atuais – pelo fato de que a imensa maioria da população reside a oeste dos Montes Urais e da cadeia do Cáucaso.

2. El siglo XIX

- a) Francia
- b) Alemania
- c) Inglaterra
- d) España
- e) Estados Unidos

IV – *La educación pública democrática*

El siglo XX

- a) Alemania
- b) Francia
- c) Inglaterra
- d) Estados Unidos
- e) Rusia
- f) España

*Conclusión*

Quadro 1 - Sumário dos capítulos e itens do livro *Historia de la educación pública* (1946, 1<sup>a</sup> ed.).

Fonte: Luzuriaga (1946).

*Introducción*, totalizando quatro páginas, na qual o autor justifica os limites inicial e final da cronologia e fornece alguns traços genéricos do que comporia a organicidade de cada uma das etapas em função da natureza da cultura pedagógica e educacional peculiar de cada uma delas. Aliado a essa operação, Luzuriaga justifica o proveito e mesmo originalidade do livro ao criticar a ausência de esforços da historiografia educacional em produzir sínteses que ultrapassem as fronteiras das histórias nacionais, não se observando, segundo o autor nos idos de 1946, trabalhos que permitissem uma visão conjunta do problema para além das especificidades do quadro do Estado-nação.

*La educación pública religiosa*, totalizando 18 páginas, conformada nos marcos da ascensão da oferta de escola pelas sociedades que sofreram os efeitos das reformas protestante e católica, desde o início do século XVI até a passagem do século XVII ao XVIII. Ainda que a ação escolar seja aqui desempenhada quase que integralmente por sujeitos e instituições religiosos, o que justifica o qualitativo de 'pública' a essa educação é o aspecto secular que ela adquire. Trata-se, indubitavelmente, da ruptura educacional que se engendra com a dissolução de muitas instituições da Idade Média e o substrato humanista que permeia a ação educacional de protestantes e católicos dos mais variados matizes, estendendo-se pelo século XVII, período em que Luzuriaga acompanha o que a historiografia educacional celebrizou como 'o nascimento da Didática', ao destacar a obra e a ação pedagógica de Ratke e Comênia e as apropriações dos métodos de ensinar criados por esses pelos Estados e autoridades públicas. O espectro espacial da análise abarca toda a Europa continental, as ilhas britânicas, atingindo até as 13 colônias inglesas originais na América do Norte, embrião dos Estados Unidos.

*La educación pública estatal*, totalizando 17 páginas, abrange basicamente o século XVIII, centúria em que continua o processo de secularização da educação iniciado no século XVI, agora com a presença de um ator novo: o Estado central. A educação pública aqui a encontramos na progressiva subordinação da educação secularizada ao Estado. É a era dos despotas esclarecidos: Frederico II, na Prússia; Maria Teresa e José II, na Áustria; Catarina, na Rússia; Carlos III, na Espanha, todos monarcas citados na obra por Luzuriaga, quadro ao qual poderíamos acrescentar Gustavo II da Suécia e, no caso português, conquanto não tenha

sido rei, o Marquês de Pombal, principal ministro do reinado de D. José I e ícone do despotismo esclarecido em Portugal. No âmbito pedagógico a etapa é dominada pelo racionalismo, pela crença na capacidade de aprimoramento humano via educação, a qual se processaria mais em consonância com os elementos da natureza que exclusivamente com os desígnios da Providência.

O caráter estatal da educação pública, em que pese Luzuriaga, para seus propósitos didáticos, cingir aos três primeiros quartéis do século XVIII, poder-se-ia com facilidade ser estendido para o século XIX, dada não apenas à flexibilidade das temporalidades históricas, mas, sobretudo, a desigualdade das histórias educacionais das sociedades organizadas em Estados. Obviamente que aqui o significado do termo estatal ganha contornos mais definidos na contraposição à tipologia que o sucede, isto é, o ‘nacional’, dimensão que se enraíza e é sobretudo buscada pelos Estados que se afirmam ou que surgem ao longo do século seguinte. Como se sabe, a história da educação na Europa, nas Américas e em outras partes do globo, atingidas pelo processo de ocidentalização, assinala a destinação de um lugar proeminente – em alguns casos muito mais no plano discursivo que prático – conferido à educação, em larga medida pela constituição das malhas ou redes de ensino elementar, com significativo aumento da oferta de instrução primária, instrumento entendido indispensável por vasta parcela das autoridades públicas e das elites econômicas, sociais e culturais para a consecução de um determinado estatuto de civilização e grau de desenvolvimento material e intelectual das ‘nações’, não dissociado, requer que se sublinhe, das finalidades de controle e disciplinamento dos corpos e populações. Além do papel preponderante dos *philosophes* para que se constituísse uma ideia mais precisa de educação pública estatal, bem como do papel destacado que tiveram por influir direta e indiretamente junto à realeza no processo de configuração de uma educação promovida pelo Estado, não mais subordinada às igrejas, no período compreendido pela educação estatal pública ocorre a publicação do *Emílio*, obra fundamental para a história da educação e da pedagogia, que introduz a orientação individualista na educação. A filosofia da educação de Rousseau dominaria, conforme Luzuriaga, o espírito dessa etapa. Luzuriaga nessa seção aborda a educação estatal pública apenas na Europa continental, sem menção à Inglaterra.

*La educación nacional*, totalizando 59 páginas, a seção mais extensa do volume, temporalmente abrange o final dos Setecentos e todo o século XIX. Há uma nítida correia de transmissão entre a educação que se hegemoniza nos Oitocentos, levada a cabo pelos Estados nacionais, com o legado deixado pela Revolução Francesa, e os conceitos de pátria e cidadania aí exarados, sintetizada na passagem: “A Convenção deixou, no entanto, assentadas as bases da educação nacional, que haviam de se realizar no século XIX” (Luzuriaga, 1946, p. 85, tradução nossa)<sup>18</sup>. Aliás, o ‘nacional’ acoplado à educação pública remete exatamente à substituição da formação do súdito pela formação do cidadão. Tal formulação ocupa toda a apresentação relativa à ‘educação pública nacional’ no século XVIII, 16 páginas, já que Luzuriaga se atém quase que exclusivamente aos projetos de reforma da educação empreendidos pelos homens da Revolução em suas três fases, reservando menos de quatro páginas para as experiências britânica e estadunidense. A ‘educação pública nacional’ no século XIX não possuiria uma forma monolítica, mas cindida, cujas expressões corresponderiam a dois momentos do desenvolvimento histórico na

<sup>18</sup> “La Convención dejó sin embargo asentadas las bases de la educación nacional, que habían de realizarse en el siglo XIX”. A Convenção ou Convenção Nacional (1792-1795), compreendeu a segunda fase da Revolução Francesa, iniciando-se após o término da Monarquia Constitucional (1789-1792), sendo depois sucedida pelo período do Diretório (1795-1799).

centúria: a que emerge até 1848 – marco das revoluções liberais radicais que grassavam pela Europa – responderia pela tentativa de desenvolver e confirmar “[...]os princípios da educação nacional iniciada com a Revolução francesa” (Luzuriaga, 1946, p. 95, tradução nossa)<sup>19</sup>; sendo a que a sucede, até o final dos Oitocentos, remeteria à tentativa dos Estados-nação em estabelecer seus sistemas nacionais de ensino. A partir desse ponto Luzuriaga passa a segmentar a análise por país, privilegiando a França, a Alemanha, a Inglaterra, a Espanha e os Estados Unidos. Como um reconhecimento dos ritmos desiguais no desenvolvimento do ensino, a par dos diferentes caminhos trilhados pelos países acima com vistas à consolidação de seus sistemas de ensino nacionais e dos modelos institucionais para esse fito adotados, ressalta na avaliação de Luzuriaga o reconhecimento de que a ‘educação pública democrática’, símbolo da organização dos sistemas de ensino no século XX, precocemente pode ser encontrada com a efetivação da escola de massas nos Estados Unidos, e também pelo avanço nesse país da pedagogia moderna, notadamente do ideário pestalozziano, traduzindo-se numa estrutura educacional que de fato conseguiu a massificação do ensino elementar e franqueou a educação infantil, o secundário e, em determinada medida, até o ensino superior a faixas menos restritas da população. Nesse sentido, os Estados Unidos se tornaram, na visão do autor, precursores da educação democrática, antes mesmo de inaugurado o século XX.

*La educación pública democrática*, totalizando 49 páginas, representa para Luzuriaga a culminância do desenvolvimento histórico da escola pública, sendo a característica mais saliente da sua contemporaneidade. De maneira idêntica à solução adotada para a ‘educação pública nacional’ no século XIX, Luzuriaga aborda a manifestação da ‘escola pública democrática’ nos marcos da territorialidade representada pelo Estado-nação, selecionando para observação mais detalhada os casos da Alemanha, França, Inglaterra, Estados Unidos, Rússia e Espanha. Em linhas gerais, nessa fase, de um lado, consolida-se em boa parte dos países do ocidentais a escolarização de massas e os sistemas de ensino que começaram a ser organizados na segunda metade do século XIX; e, de outro, presencia-se a maturação histórica dos princípios fundamentais pelas quais se deveria estruturar tais sistemas e, por conseguinte, as unidades escolares que os compõem, princípios esses que são brandidos nos trabalhos de Luzuriaga desde, pelo menos, a década de 1920 na Espanha, ao postular a escola pública, laica, única e ativa. Se a escola principiara a se tornar pública com o século XVI, com as inflexões possibilitadas pelas reformas religiosas e pelo influxo do pensamento humanista; se ela caminha para a laicidade com o século XVIII, no lastro da difusão dos ideais iluministas e do fortalecimento dos Estados centralizados; no século XIX avançam as concepções de integração dos níveis de ensino, como resultado de lutas e também da recusa de parte importante das elites culturais e políticas em relação à dualidade do ensino, o que faria crer não apenas na necessidade, bem como na viabilidade, para Luzuriaga, da criação/efetivação da escola única; e, por fim, já no século XX, em várias das sociedades abrangidas pelo livro aqui examinado, como resultado dos avanços da pedagogia moderna que já se faziam sentir desde as décadas finais do século XIX<sup>20</sup> e que se atualizaram ao longo dos primeiros decênios da centúria seguinte em decorrência do movimento escolanovista,

<sup>19</sup> “[...] los principios de la educación nacional iniciada con la Revolución francesa”.

<sup>20</sup> Para permanecermos num exemplo do qual participou ativamente o próprio Luzuriaga, a Institución Libre de Enseñanza, em Madri, é entendida como uma resposta das consideradas ‘forças vivas’ da Espanha em estancar o declínio cultural do país, acusando o problema educacional como o ‘nó górdio’ a ser desatado, a fim de aproximar o país do movimento de renovação pedagógica, educacional e intelectual que grassava em outras nações europeias e nos Estados Unidos.

agregando, desse modo, à escola, o último adjetivo do célebre aforisma cunhado pelo pedagogo espanhol: ativa<sup>21</sup>.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A historicização do tema ‘educação pública’, realizada por Luzuriaga em 1946 com a publicação de *Historia de la educación pública*, segue, em linhas gerais, um percurso evolucionista que caracteriza seus demais títulos relacionados à história da educação, muitos dos quais ainda estavam por ser publicados. Luzuriaga persegue, à luz da inspiração diltheyana que compartilhava, os esquemas gerais de cada época pelos quais a educação na sua faceta pública, isto é, apartada das iniciativas domésticas e singularizada pela manifestação segundo a forma escolar moderna, apresentava-se. Se é fato que as etapas – ‘educação pública religiosa’, ‘educação pública estatal’, ‘educação pública nacional’ e ‘educação pública democrática’ – em que o livro está estruturado apresentam divisões por século, a introdução de subdivisões a partir do século XIX, subdivisões que correspondiam à realidade ‘observada’ nos países selecionados por Luzuriaga para análise, carregava consigo um balizamento do desenvolvimento pedagógico e educacional de cada etapa, segundo o qual as realidades da ‘aventura da educação pública’ em cada um desses países eram apresentadas ao leitor em função do maior ou menor ‘espelhamento’ face ao ‘espírito geral’. Adicionalmente, tais subdivisões irrompem no texto apenas na etapa correspondente à ‘educação pública nacional’ e no século XIX, momento em que os estados consolidavam uma tendência que se iniciara no século anterior, de transição do protagonismo na organização da oferta de educação escolarizada das igrejas, congregações e células religiosas para os poderes estatais centrais. A organização das diferentes seções que compõem o livro, portanto, apresentam um longo arco temporal – correspondente aos séculos XVI, XVII e até o terceiro quartel do século XVIII – em que as peripécias da educação pública são vistas tendo por pano de fundo um grande bloco político-religioso, traduzido pela cristandade europeia, aí incluídas as sociedades católicas e as protestantes; e outro período de cerca de 170 anos em que, conquanto o aparente paradoxo, o ‘espírito geral’ da ‘educação pública’ adquire fisionomia concreta nas experiências de constituição e consolidação dos Estados nacionais.

Todavia, aquele presente em que Luzuriaga produzia seu livro, encerrado ainda nos marcos da ‘educação pública democrática’, assinala para o autor a emergência de nova métrica com que classificar doravante a aventura histórica da ‘educação pública’. Tal métrica dissonava da escala primordial adotada para o estudo das etapas nacional e democrática da mesma ‘educação pública’, ou seja, a aferição de seu itinerário histórico nos marcos do Estado-nação. Muito provavelmente em decorrência das transformações trazidas pela Segunda Guerra Mundial<sup>22</sup> e pelo cenário que se descontinava com o término do conflito, a necessidade de uma escala de observação mais ampla, que se convertia pronto nas

<sup>21</sup> “A Escola Ativa exemplifica a luta do século XX (educação pela ação) contra as idéias do século XIX que pretende abater (educação pela instrução). A Escola Ativa é, portanto, um movimento renovador de cunho estritamente pedagógico, técnico, didático, interno e aprofundado” (Barreiro Rodríguez, 1989, p. 22, tradução nossa). “La Escuela Activa ejemplifica la lucha del siglo xx (la educación por la acción) frente a las ideas del xix que se pretende arrumar (la educación por la instrucción). La Escuela Activa es, por tanto, un movimiento renovador de carácter estritamente pedagógico, técnico, didáctico, interno y en profundidad”.

<sup>22</sup> Acredita-se que entre no cômputo de Luzuriaga o enredo em que se desenrolou a I Guerra Mundial, especialmente no que se relaciona à manifestação dos nacionalismos.

intencionalidades de Luzuriaga em um instrumento de promoção de um ideal universal de democracia, de oposição aos nacionalismos, apto, portanto, a se sobrepor aos particularismos que de maneira recalcitrante se opunham ao espírito geral do século XX, ganha destaque no fechamento do livro de 1946. O prisma segue sendo o da evolução, próprio da inteligibilidade emprestada pelo autor aos fenômenos estudados nos títulos da área de história da educação que publicou – e publicará – na Losada Editorial, porém, certa noção de aprimoramento da razão humana que se mostra a tônica em muitos dos conteúdos trazidos à baila nesses mesmos livros de história da educação é substituída por uma alegada defesa de reparo, a ser efetuado na obra dos antepassados. Tal leitura é sugerida pelo trecho a seguir:

Porém, ao mesmo tempo temos também que completar e em parte retificar a obra de nossos antepassados. Esta se achava baseada em uma concepção nacional, ou melhor, nacionalista, da educação. Isso trouxe, entre outras, a desastrosa consequência de sofrer o mundo duas guerras espantosas em menos de vinte e cinco anos (Luzuriaga, 1946, p. 234, tradução nossa)<sup>23</sup>

A colaboração internacional postulada por Luzuriaga nas conclusões de seu trabalho, além de buscar impedir no futuro “[...] os fatos sangrentos do passado” (Luzuriaga, 1946, p. 234, tradução nossa)<sup>24</sup>, acredita-se aqui intentou também favorecer a disposição que vinha sendo praticada por ele mesmo e seus mentores na ILE e no Museu Pedagógico desde fins dos Oitocentos, procurando por meio da interlocução e da circulação internacional de pessoas, ideias, saberes, materiais e modelos pedagógicos a promoção dos princípios democráticos universais, já, como o próprio nome o diz, não mais exclusividade de grupos ou países isolados. Ela teria visado a erigir, *pari passu*, uma condição mais favorável, pela qual os educadores e educadoras, homens e mulheres de ciência, poderiam prosseguir com seus projetos, estudos e análises, atualizados em relação às experiências mais frutíferas e, outrossim, de certa maneira mais protegidos pelo fortalecimento de um ‘espírito de corpo’, no caso de especialistas educacionais, em âmbito internacional.

Como corolário dessa colaboração internacional, Luzuriaga alude aos trabalhos de cooperação iniciados na Organização das Nações Unidas (ONU), no âmbito da ‘Organização educacional, científica e cultural’ (Unesco), ambas, recorda-se, criadas no momento em que o autor procedia à escrita do livro aqui explorado. Luzuriaga, pelo que se depreende, não apenas ansiava o estabelecimento de uma organização mundial do porte da Unesco, como acompanhava com interesse os trâmites que levaram ao seu estabelecimento, como se atesta pelas suas colunas no jornal *La Nación* no final de 1945 e início de 1946 (Luzuriaga, 1946, p. 236). Os particularismos e nacionalismos encontrariam na Unesco, na apreciação de Luzuriaga, uma barreira para seu florescimento. Tão característico de seu otimismo antropológico, ainda que abalado pelos gravíssimos conflitos bélicos do século XX de que foi testemunha viva, Luzuriaga taxativamente apregoava em favor das liberdades individuais, do progresso da ciência e do favorecimento a seu acesso, da cultura e educação e do respeito às instituições democráticas:

<sup>23</sup> “Pero al mismo tiempo tenemos también que completar y en parte rectificar la obra de nuestros antepasados. Ésta se hallaba basada en una concepción nacional, o mejor, nacionalista de la educación. Ello ha tenido, entre otras, la desastrosa consecuencia de sufrir el mundo dos guerras espantosas en menos de veinticinco años”.

<sup>24</sup> “[...] los hechos sangrientos del pasado”.

Pela primeira vez na história se vai contar com uma instituição mundial de educação, cultura e ciência, que pode ter uma influência extraordinária na vida do futuro. Seu êxito sem dúvida dependerá essencialmente dos acordos políticos a serem adotados pelos países que agora se reúnem para determinar a sorte do mundo. Porém, a longo prazo, a paz e segurança dele dependerão, mais que das circunstâncias políticas, da atmosfera espiritual que venha a se formar nos povos (Luzuriaga, 1946, p. 236, tradução nossa)<sup>25</sup>.

Inaugurar-se-ia, com isso, um novo estágio da ‘educação pública’, o qual, condizente com a filosofia da história de matriz diltheyana que pontificava em seus trabalhos de história da educação, viria substituir a etapa da ‘educação pública democrática’: chegava-se, pois, ao tempo da educação pública supranacional, universal.

## REFERÊNCIAS

Barreiro Rodríguez, H. (1989). Lorenzo Luzuriaga y el movimiento de la “escuela única” em España: de la renovación educativa al exilio (1913-1959). *Revista de Educación*, (289), 7-48.

Barreiro Rodríguez, H. (1999). Lorenzo Luzuriaga: una biografía truncada (1889-1959). In J. A. Díaz (Coord.), *Castellanos sin mancha: exiliados castellano-manche gostras la Guerra Civil* (p. 31-42). Madrid, ES: Celeste Ediciones.

Dabusti de Muñoz, T. M. (1999-2000). Trayectoria de Lorenzo Luzuriaga en Losada, una editorial en el exilio. *Revista de Historia Contemporanea*, (9-10), 396-408.

Dallabrida, N. (2015). Uma vida dedicada à escola pública: trajetória socioprofissional de Lorenzo Luzuriaga (1914-1959). *Revista Educação Pública*, 24(57), 661-675.

Ferrer, C. C., & Gutiérrez, M. R. (2013). Nota editorial. In C. C. Ferrer & M. R. Gutiérrez (Ed.), *Diez ensayos sobre realidad, revista de ideas (Buenos Aires, 1947-1949)* (p. 9-10). Granada, ES: Universidad de Granada.

Ferrer Maura, S. (1975). Una institución docente española. La Escuela de Estudios Superiores de Magisterio (1909-1932). *Revista de Educación*, 240(4), 41-50.

Gatti Júnior, D. (2011). Intelectuais e circulação internacional de ideias na construção da disciplina História da Educação no Brasil (1955-2008). In M. M. C. Carvalho & D. Gatti Júnior (Orgs.), *O ensino de história da educação* (p. 47-93). Vitória, ES: EDUFES.

<sup>25</sup> “Por primera vez en la historia se va a contar con una institución mundial de educación, cultura y ciencia que puede tener una influencia extraordinaria en la vida del futuro. Su éxito sin duda dependerá esencialmente de los acuerdos políticos que adopten los países que ahora se reúnen para determinar la suerte del mundo. Pero a la larga, la paz y seguridad de éste dependerán, más que de las circunstancias políticas, de la atmósfera espiritual que se forme en los pueblos”.

Kieffer, E. G. (2004). *Gonzalo Losada, el editor que difundió el libro argentino em el mundo.* Buenos Aires, AR: Editorial Dunken.

Larraz, F. (2009). Política y cultura. Biblioteca Contemporánea y Colección Austral, dos modelos de difusión cultural. *Orbis Tertius*, 14(15).

Losada. (2020). Disponível em: <http://www.editoriallosada.com/>

Luzuriaga, L. (1946). *Historia de la educación publica.* Buenos Aires, AR: Editorial Losada.

Luzuriaga, L. (1950a). *Historia de la educación publica* (2a ed.). Buenos Aires, AR: Editorial Losada.

Luzuriaga, L. (1951). *Historia de la educación y de la pedagogia.* Buenos Aires, AR: Editorial Losada.

Luzuriaga, L. (1950a). *Pedagogía.* Buenos Aires, AR: Editorial Losada.

Luzuriaga, L. (1942). *La pedagogía contemporânea.* Buenos Aires, AR: Editorial Losada.

Luzuriaga, L. (1954). *Pedagogía social y política.* Buenos Aires, AR: Editorial Losada.

Mendez, J. (2014). Entre Europa e América: a escrita da história da educação na Argentina por Lorenzo Luzuriaga. *Revista Brasileira de História da Educação*, 14(36), 235-256.

Menezes, R. C. D. (2014). Circuito e fronteiras da escrita da história da educação na Ibero-América: experiência de escrita de Lorenzo Luzuriaga na Espanha e na Argentina e sua apropriação no Brasil. *Revista Brasileira de História da Educação*, 14(36), 245-267.

Mérida, E., & Gamarro, N. (1992). La Revista de Pedagogía: 1922-1936. *Revista Española de Pedagogía*, 192, 257-270.

Paz Rodrigues, J. (2018). *Lorenzo Luzuriaga, defensor da escola nova pública.* Recuperado de: <https://pgl.gal/lorenzo-luzuriaga-defensor-da-escola-nova-publica/>

Roballo, R. O. B. (2012). *Manuais de história da educação da Coleção Atualidades Pedagógicas (1933-1977): verba volant, scriptamanant* (Tese de Doutorado). Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

Seijas, C. L. (2001). Lorenzo Luzuriaga em la Argentina. In *Actas del 1º Congreso Internacional “L'exili cultural de 1939, seixanta anys després”* (Vol. 1, p. 603-619). Valencia, ES.

Warde, M. J. (1998). Lorenzo Luzuriaga entre nós. In C. P. Souza & D. B. Catani (Orgs.), *Práticas educativas, culturas escolares, profissão docente* (p. 71-82). São Paulo, SP: Escrituras.

**RONI CLEBER DIAS DE MENEZES** é professor Doutor na Faculdade de Educação e no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de São Paulo. Mestre e Doutor em Educação pela USP, com pós-doutorado na UERJ. Atua principalmente na área de História da Educação, com ênfase nos seguintes temas: história dos intelectuais, circulação cultural e história comparada da educação.

**E-mail:** roni@usp.br  
<https://orcid.org/0000-0001-8661-1328>

**Recebido em:** 25.03.2020

**Aprovado em:** 14.07.2020

**Publicado em:** 18.12.2020

**Editor-associado responsável:**

Ana Clara Bortoleto Nery (UNESP)

Email: [neryanaclara@gmail.com](mailto:neryanaclara@gmail.com)

<https://orcid.org/0000-0001-6316-3243>

**Como citar este artigo:**

Menezes, R. C. D. A temática da 'educação pública' na escrita da história da educação de Lorenzo Luzuriaga. (2021). *Revista Brasileira de História da Educação*, 21. DOI: <http://dx.doi.org/10.4025/rbhe.v21.2021.e150>

Este artigo é publicado na modalidade Acesso Aberto sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 (CC-BY 4).